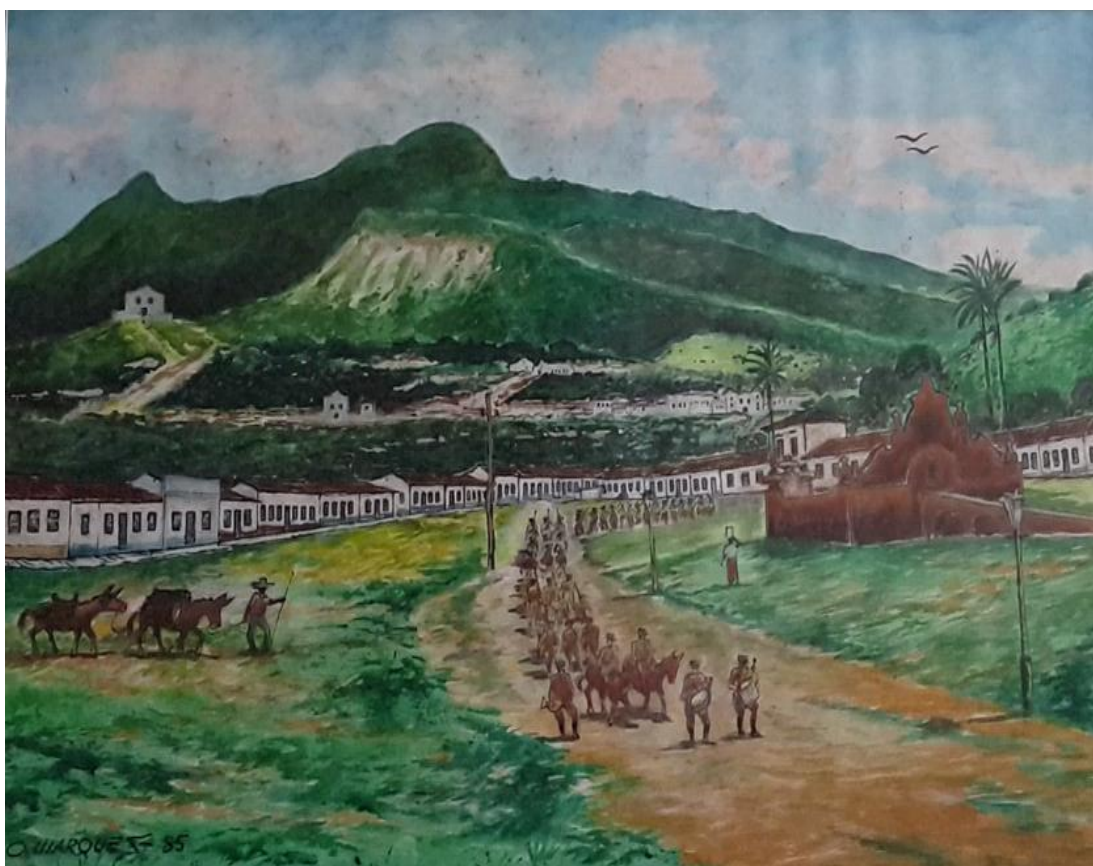


Entrevistas



MARQUES, Octo. Sem título. 1985. Técnica: aquarela, 38x56,5cm. Acervo: Rosa Maria Marques de Souza

Dois cineastas e um caipira

Entrevista com Hugo Caiapônia & Aroldo de Andrade Filho

por

Ademir Luiz & Arnaldo Salu

O caipira Imbilino é o maior fenômeno popular da atual safra da produção audiovisual goiana. Talvez seja o maior de todos os tempos. O personagem é criação de Hugo Caiapônia, nome artístico de Hugo Batista da Luz, que ao receber a visita do primo Aroldo de Andrade Filho, dono de certa experiência como auxiliar de câmera, manifestou seu desejo de fazer um filme, e lhe perguntou se poderia ajudá-lo. O primo aceitou e, dessa forma improvisada, nasceram dois cineastas. Juntos fundaram a produtora Gigante Filmes.

O primeiro longa-metragem, de 2005, “Meu rádio, minha vida”, feito com poucos recursos, equipamento simples, pouca técnica de captação e edição de imagens e som, elenco de atores amadores, composto por amigos da comunidade, caiu no gosto popular. Primeiro entre os amigos da cidade de Caiapônia e Palestina de Goiás e depois por todo estado de Goiás. Por aclamação veio uma segunda produção, “A lua e o dente”, de 2006, seguido de “Arrependida”, em 2009 e “O galo e a mega da virada: uma comédia caipira”, de 2011.

Em 2008, se inscreveram na Mostra do Filme Livre do Rio de Janeiro. Entre os mais de seiscentos inscritos obtiveram a décima terceira colocação. Em 2011, Hugo Caiapônia foi homenageado no Festival de Humor de Fortaleza, sendo aclamado como “o Mazzaropi de Goiás” no Teatro Chico Anysio. Recebeu por isso uma homenagem de Marconi Perillo, o Governador de Goiás, que lhe entregou o prêmio de Destaque Cultural do ano de 2012. Em Goiânia foi realizado no Cine Ouro uma mostra de sua produção cinematográfica. Fenômeno de vendas em bancas de camelô, Hugo Caiapônia e Aroldo de Andrade Filho comercializam seus filmes originais em pontos de venda oficiais, nas exposições públicas e pelos sites WWW.imbilino.com.br e WWW.hugocaiaponia.com.br. Com milhares de seguidores em

redes sociais, atualmente, a dupla está lançando o quinto trabalho, “Bicho de Pé”, e se preparam para produzir o sexto.

Os encontramos na abertura do IV Semana do audiovisual da UEG em Goiânia, onde foram convidados para palestrarem sobre sua experiência com cinema. O resultado da conversa é essa entrevista.

Arnaldo Salustiano: O que inspirou o senhor na criação de Imbilino? Porque um caipira?

Hugo Caiapônia: Percebi que havia uma vaga deixada pelo famoso personagem caipira do Mazzaropi. O pessoal falando que nunca mais vai ter outro Mazzaropi. Eu ouvi o Ratinho dizer isso. Daí eu pensei: vamos fazer um caipira. Porque eu vivi na fazenda, eu sempre convivi com os caipiras, com as pessoas mais simples da fazenda. Procurei fazer um caipira digno, sem roupa rasgado. Quando se fala em caipira a pessoa acha que tem que rasgar a roupa, pintar os dentes de preto, fazer como se estivesse sem dente, e não era assim. Caipira é aquela pessoa simples da fazenda.

Arnaldo Salustiano: Então, o senhor teve o Mazzaropi como inspiração?

Hugo Caiapônia: Como inspiração sim, mas eu não copieei nada dele. Não me preocupei com aquele “andadão” dele pra frente quando criei meu caipira. Eu vi que estava faltando alguma coisa. De trinta e tantos anos da morte de Mazzaropi, ninguém tinha feito isso aí, porque no nordeste o pessoal não tem nada a ver com o nosso caipira aqui de Minas e Goiás. Você vê que não tem nada a ver. Aí tem o Nilton Pinto e o Tom Carvalho que contam piadas e isso não é ser caipira. Então eu criei esse personagem para tentar atingir pelo menos cinco por cento dessa vaga que estava aí.

Arnaldo Salustiano: A cultura caipira está historicamente relacionada a formação do povo goiano. Hoje, apesar de toda modernização da sociedade, você acha que o goiano ainda é caipira?

Hugo Caiapônia: Todos os brasileiros, de um modo geral, são caipiras. Se ele não é, tem ao menos um vínculo com alguma pessoa que é. O Brasil é um país caipira. A pessoa quando vê um filme do Imbilino diz “lembrei do meu avô, meu pai era assim” e tal. Identifica-se. Eu nasci na cidade e fui criado na fazenda. Eu procurava andar do mesmo jeito que os peões e os agregados. Eu achava bonito aquele “andadão”. Então, eu chegava até a rua e o pessoal

perguntava: “mas que andar de caipira é esse?”. E eu me endireitava. Aí vem aquele linguajar deles, começo a falar igual, com o sotaque. Levei isso para o Imbilino. É o jeito natural de nosso povo falar. O Imbilino tem aquela voz dele, mas ele tenta não falar muita coisa errada. O pessoal tenta interpretar o caipira usando palavras que não correspondem ao goiano. Devem estar pegando o sotaque de Minas. Já esse negócio de por a língua pra fora, muita gente faz isso, ou tem esse sistema de morder a língua, igual o Imbilino morde, mexe o dedinho, anda tropicando, arrasta o pé. Quando criei o Imbilino, peguei um chapéu que eu ganhei de um amigo meu de Bom Jesus. Um chapéu feio demais, que eu usei no primeiro filme “Meu rádio, minha vida”. Coloquei uma camisa que estava pequena para mim, passei uma tinta no bigode, criei uns trejeitos, mordi a língua. Foi questão de minutos. Daí eu andei, fui para fora. Ainda não tinha criado a voz. Vinha vindo um senhor, que tinha o apelido de Beijo. Ele morava do lado de baixo da minha casa, na outra rua, e eu perguntei: “escuta, onde mora o Hugo aqui?”, e ele: “é aqui neste prédio”, “pra cá?” “aí moço!”. Ele não me reconheceu. Eu insisti: “pra cá? Como é que sobe aí?”, e o Beijo: “é lá naquela escada, vamos lá”. Ele agarrou no meu braço me levou lá na escada. Então, eu pensei: legal, vai funcionar. Já cheguei com a voz do Imbilino lá em cima.

Arnaldo Salustiano: A impressão que se tem assistindo aos filmes, é que o Imbilino é um personagem bastante elaborado, pois ele não se transformou no decorrer dos filmes.

Hugo Caiapônia: Não. A gente vai fazendo um trabalho aqui, e já vai pensando lá na frente, como um carro. Você pode observar no carro, a indústria faz o carro já com lugares pra colocar opcionais, por exemplo, já coloca o buraco lá pra o dia que sair o modelo com o vidro elétrico já ter o lugarzinho onde colocar. Então tudo já foi organizado, tudo já foi planejado.

Arnaldo Salustiano: Aquele anjinho que aparece rapidamente no começo do primeiro filme, o senhor já sabia que iria utilizá-lo no “A lua e o dente”?

Hugo Caiapônia: Não, porque ainda não tinha criado o roteiro. Quando deu aquele clima de anjo de guarda, eu peguei.

Arnaldo Salustiano: O Jeca Tatu de Monteiro Lobato trazia consigo muitas representações negativas do caipira, algumas delas foram reproduzidas por Mazzaropi, que, por sua vez, deu origem a toda uma geração de personagens caipiras. O senhor costuma ser chamado de Mazzaropi do cerrado. O Imbilino seria só mais um Jeca? Senão, o que o diferencia?

Hugo Caiapônia: Eu acho que ele é diferente dos outros caipiras. O Mazzaropi às vezes interpretava um fazendeiro, outras um roceiro. O Mazzaropi tinha seu nome, Amacio Mazzaropi, e nos filmes ele usava diferentes nomes para diferentes personagens. O Imbilino não, sempre é o Imbilino, aquele caipira simplesinho. Mas sempre limpinho, a roupinha arrumadinha. E as crianças criaram um carinho muito grande pelo Imbilino. Fazemos apresentações onde eu me visto de Imbilino, e você precisa ver a quantidade de balinhas e de doces que eu ganho. Aquelas pulseirinhas. Os meninos vão dando de tudo. Quer dizer, tem um amor muito grande, tem dó do Imbilino. Eles têm muita dó do Imbilino, e abraçam, porque vêem aqueles meninos judiando do Imbilino. Mas para o Imbilino está tudo bem, veja o final do “Meu rádio minha vida”. No começo do filme ele ganha uns pirulitos de um menino que diz para ele: “dá para quem você mais gosta”. No final ele dá os pirulitos para os filhos do Juca, que estavam judiando dele. Se ele está sentado e chega alguém, ele senta no chão e entrega a cadeira. Ele é aquela pessoa humilde que nada abala.

Ademir Luiz: O Senhor considera o personagem Imbilino um representante da resistência do caipira ao avanço da modernidade?

Hugo Caiapônia: Sim, porque o seguinte: muitos jovens gostam, mas tem resistência. Tiveram que colocar o sertanejo universitário para os jovens gostarem. Com o Imbilino é a mesma coisa. Os jovens estão levando ele para o lado do caipira moderno. No cinema de Rio Verde, passaram “Arrependida” ao lado de “Lua Nova”, da Saga Crepúsculo. Chegou um casalzinho de namorados, todo cheio de brincos, e a menina fala: “Aí o Imbilino! Minha mãe adora ele, meu pai adora. Mas eu vou vim assistir mesmo, se você não vier eu venho com minha mãe, meu irmãozinho gosta demais”. O namorado perguntou “mas como é isso?”. Ela explicou. Eu estava no balcão do lado, conversando com um diretor de cinema da região. Em Rio Verde tem aquela história de que quem gosta do Imbilino são pessoas mais simples. Elas compram os filmes nos camelôs. Em toda escola da periferia que eu entrava e perguntava “quem já viu o Imbilino?”, a meninada gritava. Só cinco ou seis que não tinham visto. Na escola dos ricos era o contrário, cinco já tinham visto. Aí eu entrava e dizia: “olha gente, eu sou o Hugo Caiapônia que faz o Imbilino e os cinco ficavam espantados. ‘nossa! É você mesmo?’, e o professor: ‘rapaz, eu sou seu fã’”. Do mesmo jeito nas outras salas. No outro ano eu voltei e foi diferente. A maioria viu. Aqueles cinco primeiros foram quebrando a resistência.

Arnaldo Salustiano: O senhor acha que o caipira é incompatível com a cidade?

Aroldo de Andrade Filho: Eu não vejo assim, não é que não dê certo. Mesmo nos tempos mais antigos o caipira sempre precisou da cidade. Ele vive no mundo dele, o mundo caipira, mas ele vai à cidade, ele visita a modernidade. E hoje em dia, com tanta tecnologia, com tanto avanço que nós temos, mais ainda. Hoje tem telefone nas fazendas. Você pode andar em qualquer fazenda, mesmo ele sendo caipira, tem energia elétrica, tem telefone. Então, não é dizer que não se dá com a modernidade, não é isso. É que ele tem o mundo dele, mas ele também sabe se adaptar ao mundo.

Hugo Caiapônia: Segue só esse raciocínio: pega um jovem aqui da cidade que nunca foi numa fazenda. O mosquito só pega ele, os marimbondos só pegam ele, a vaca vem em cima só dele. É a mesma coisa com o caipira. O Imbilino na cidade, não dá sorte.

Arnaldo Salustiano: Nos filmes do Imbilino a paisagem rural aparece de uma forma muito intensa, de forma prolongada. Isso é feito casualmente ou é proposital? Existe alguma intenção?

Aroldo de Andrade Filho: Uma coisa Hugo e eu temos em comum: nós gostamos muito do universo caipira. Eu gosto muito do universo caipira, mas do caipira mesmo, aquela coisa da viola, da sanfona, da lamparina. Eu gosto dessa tradição que está sendo esquecida. Quando o Hugo me chamou para fazer os filmes, a primeira coisa que veio foi que vivemos em um lugar que é um reduto. Então, as paisagens, os cenários, estão lá de propósito, para mostrar que ainda existe um pouco do sertão, que o caipira existe e ainda vive nesses lugares.

Ademir Luiz: Em alguns momentos nos filmes do Imbilino, o personagem é salvo por intervenção divina. Essas soluções místicas indicam o desejo de impor alguma moral à história?

Aroldo de Andrade Filho: Eu não sei o que seria essa moral da história, mas no filme isso representa que o Imbilino, como qualquer outro no sertão, tem a sua crença, sua fé. O caipira, talvez muito mais que os próprios católicos urbanos, que os cristãos de hoje, possuem muita fé. Muitos caipiras acreditavam que viram santos e anjos. Essa crença faz parte do personagem.

Ademir Luiz: Como é o processo de produção do roteiro dos filmes. Quando começam as filmagem o texto está todo acabado ou há espaço para improvisações?

Hugo Caiapônia: O argumento sou eu que escrevo. Eu crio a história e depois passo para o Aroldo criar o roteiro.

Aroldo de Andrade Filho: Às vezes eu não chego nem a terminar o roteiro. Só explico para os atores a situação. Uma cena entre o Imbilino e seu amigo Juca, por exemplo. Eles já sabem mais ou menos o que precisam falar e interpretam meio no improviso. Mas em nosso próximo filme, por exemplo, por problemas técnicos, eu já venho falando com o Hugo que nós vamos ter que dar um jeito nestas falas. Porque tem horas que a gente se perde. Então, agora nós vamos ter as falas mais direcionadas. Quer dizer, não é seguindo o que está escrito, mas...

Hugo Caiapônia: É, mas assim, dando liberdade para os atores. Precisa dizer isso aqui, a fala vai ser esta e tal. Porque senão a gente fica parecendo um robô.

Ademir Luiz: Tecnicamente os filmes do Imbilino são muito simples. Como o senhor interpreta o sucesso popular? Considerando que a maioria do público atualmente valoriza os filmes de grande orçamento e efeitos especiais?

Aroldo de Andrade Filho: O espectador se identifica com o Imbilino. Ele não é um super-herói, ele não é um fantasma. Ele é ele mesmo, na sua ingenuidade, na sua expressão.

Hugo Caiapônia: Não tem nada exagerado. A maioria das mocinhas que vão ao cinema querem ver efeitos especiais, ouvir o som, porque no cinema o som é super agradável. Mas vão também porque os pais não as deixam sair para namorar, mas no cinema ele deixa ir. Lá é um ponto de encontro. A maior parte vai pra agarrar e beijar. Mas para quem gosta dos filmes do Mazzaropi, por exemplo, não tem opções. O cinema não dá espaço, porque no shopping só vai garotada. Mas nós passamos no shopping de Rio Verde e vimos que vieram gente lá de Ponte Branca, quase trezentos quilômetros, só para assistir o filme do Imbilino. É um público diferente. A dona do cinema, que monitora tudo, disse que é um povo que não vai normalmente ao cinema. É onde o cinema precisa ir buscar opções. Os filmes do Imbilino são exemplos. Filmes simples que tem um público para ele e que não está sendo explorado. O exibidor financia por seiscentos mil uma máquina de passar 3D. Acha que tem como enfiar um filme do Imbilino na programação? Não. Eles precisam pagar aquela máquina.

Aroldo de Andrade Filho: É o que venho comentando com o Hugo, o público não vai hoje ao cinema porque ficou uma coisa elitizada. O cinema hoje é em shopping. O cara que ganha um salário mínimo, não quero dizer que ele não vá, mas ele tem a mulher, tem os filhos, ele tem até vontade de ir, mas como é que ele vai? Pela própria condição dele, ele não vai ao cinema. E esse público excluído, geralmente, é o nosso.

Hugo Caiapônia: E é a massa maior.

Aroldo de Andrade Filho: Que adora cinema. Os jovens que gostam do Imbilino. As pessoas mais velhas, pessoas adultas, de meia idade, relembram seus tempos de infância. Lembram do pai e do avô.

Ademir Luiz: Boa parte do elenco dos filmes é formada por não-atores, pessoas da comunidade, como é feita a seleção dessas pessoas? A aparência interfere? O jeito de falar? Vocês buscam pessoas com talento nato para atuar?

Hugo Caiapônia: Quem escolhe sou eu. Se o roteiro pede um caminhoneiro, já pego um com aquele perfil. Você conhece a cidade inteira, então já pega aquela pessoa que não tem que se aprontar para ser assim, ele já é. Então tem o caminhoneiro que é realmente um caminhoneiro, tem a dona de casa que é mesmo dona de casa. A gente tem essa facilidade, pois conhecemos todo mundo. Tem horas que a gente erra, é claro, mas na hora que ligamos as câmeras...

Arnaldo Salustiano: Eles atuam voluntariamente ou são remunerados?

Hugo Caiapônia: Alguns a gente pagava por dia. No próximo filme, que vamos ter recursos da Lei Goyazes, vai ter pagamento.

Aroldo de Andrade Filho: Temos a intenção de, futuramente, profissionalizar eles.

Ademir Luiz: Entre filmagem e edição, qual o tempo médio de produção dos filmes?

Aroldo de Andrade Filho: Varia entre quatro a seis meses. Mas já teve filmes que levou um ano. O “Arrependida” é um exemplo.

Hugo Caiapônia: Quase um ano, por falta de recursos. Às vezes temos que dar uma paradinha. Mas, assim pegado mesmo, seis meses é a média.

Aroldo de Andrade Filho: Esse agora, cerca de oitenta por cento, vai ser rodado em Caiapônia. Pode ser que a gente faça com menos de seis meses. É mas aí vem àquela história, todo filme que a gente faz ocorre problemas técnicos. Às vezes é o microfone, outras vezes só na hora de editar encontramos os problemas. Então temos que correr pra arrumar. Mas a cada filme a gente vai melhorando, vai atualizando. A cada produção temos equipamentos melhores.

Ademir Luiz: Muitos cinemas que funcionavam no interior do Brasil fecharam, em grande parte pelo avanço da televisão, no entanto o senhor tem realizado exhibições nestas mesmas cidades em ginásios, teatros e salões com muito sucesso, é um fenômeno isolado, o interesse se deve à popularidade do Imbilino ou estas cidades estão carentes de salas de cinema?

Hugo Caiapônia: Quando estou saindo das salas de exibição o pessoal pede: “volta de novo”. Agora a importância de o Imbilino estar acompanhando os filmes que estão sendo exibidos, ligando o ator à obra, aumentou o público quase cinquenta por cento. Onde passa só o filme dá um público, vamos por de duzentas pessoas, mas se eu vou lá, vestido como o personagem, dá quatrocentos espectadores. Em Barra do Garças consegui no primeiro dia trezentas pessoas. Geralmente no segundo dia o público é maior porque as pessoas voltam para assistir novamente e ainda trazem mais alguém. Então é uma carência imensa. Você acha que uma senhora vai sair lá da casa dela pra assistir o Homem-Aranha ou “Avatar”? Como é que vai? Não tem jeito. Ela vai ficar em casa. Uma comédia lá que o cara dá um tapa na pessoa que voa dois quilômetros de distancia. Quem acredita numa coisa dessas?

Ademir Luiz: O Senhor se considera um cinéfilo, ou somente um profissional de cinema, alguém que transformou a sétima arte em um modo de vida?

Aroldo de Andrade Filho: Eu me considero um cinéfilo. Raramente eu passo um dia sem ver um filme. Assisto por gostar de filmes e por admirar a arte em si e estar vendo o que acontece de novidade no mercado. Até para me atualizar, para melhorar os filmes que faço, dar mais qualidade. Eu sou um cinéfilo. Desde criança, eu sempre gostei. Dizer que tenho uma preferência é difícil, mas a comédia é um, o estilo drama também e ficção. Mas gosto de filmes que tenham conteúdo, não é qualquer filme. Gosto de ver o filme na sua essência, a arte do cinema. Vejo estes filmes vídeo game, tipo Homem-Aranha só por uma questão de

ver o contexto tecnológico que está sendo usado. Se bem que eu não uso, eu não gosto de usar efeitos especiais. Só uma coisa ou outra, mas é muito difícil. Tenho preferência por filmes do Stanley Kubrick, Spielberg, George Lucas. O Fernando Meireles é um ótimo cineasta. O que fez “Tropa de Elite”, José Padilha, também. São diretores de filmes que marcam, que tem conteúdo.

Hugo Caiapônia: Ele raramente passa um dia sem ver e eu raramente vejo um filme. Eu só vejo filmes sobre fatos reais, documentários. Não gosto de coisas exageradas, com muitos efeitos especiais. Comecei a ver aqueles filmes de bang-bang antigos e comecei a pegar algum gosto. Mas eu sinto prazer mesmo é em fazer e ver o resultado de meus filmes, eu fico louco por causa daquilo.

Ademir Luiz: O senhor utiliza algum tipo de recurso público para viabilizar seus projetos?

Aroldo de Andrade Filho: Este é o primeiro filme em que estamos tendo apoio de verba pública, este que nós vamos começar a fazer agora, o sexto filme.

Arnaldo Salustiano: Já tiveram uma vez, o apoio registrado no vídeo, da Prefeitura de Palestina, e também da Lei Goyazes...

Aroldo de Andrade Filho: Sim, da prefeitura. Foi pouco. E da Lei Goyazes conseguimos um pequeno apoio para custear um circuito de exposições pelo interior do Estado.

Hugo Caiapônia: Em vinte cidades. Para produção esta é a primeira vez.

Novembro de 2014

